economia

Ameaça tarifária acende alerta no agro gaúcho

Mercado norte-americano é destino-chave para produtos do RS como couro, florestais, fumo e carne bovina

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

A decisão dos Estados Unidos de aplicar uma tarifa adicional de 50% sobre produtos brasileiros acendeu um sinal de alerta no agronegócio do Rio Grande do Sul. Embora o Estado tenha uma exposição menor ao mercado norte-americano em comparação com a média nacional, os setores que mantêm relações comerciais com os EUA são altamente dependentes desse destino e operam com produtos de alto valor agregado.

Segundo dados da Farsul, o agronegócio brasileiro movimentou cerca de US$ 12 bilhões para aquele destino em 2024, equivalentes a 7,35% dos embarques do setor. Deste total, aproximadamente US$ 845 milhões partiram do RS, um índice de 5,37%, inferior à participação norte-americana no comércio exterior do agronegócio brasileiro. Para o Rio Grande do Sul, os principais mercados são a China, com 35% das exportações, e a União Europeia, com quase 13%, ficando os EUA em terceiro lugar.

Renan Hein dos Santos, assessor de Relações Internacionais da Farsul, ressalta a importância do mercado norte-americano.

"Quando se olha para os países que vêm logo depois, com 2%, 1,5%, 1%, percebe-se que os EUA são um dos principais destinos. No RS, ficam atrás apenas da China e da União Europeia", explica.

Ele destaca ainda que a imposição das tarifas ocorre em um ano de início de governo nos Estados Unidos, o que pode intensificar medidas protecionistas, uma característica do governo Trump. O setor produtivo espera que a questão seja tratada prioritariamente pela diplomacia brasileira, com o respaldo técnico das entidades do agronegócio, "que têm pleno conhecimento sobre as cadeias produtivas impactadas".

No Rio Grande do Sul, as exportações para os EUA são concentradas em alguns setores estratégicos. O presidente executivo do Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil (CICB), Fernando Bello, aponta que o Estado foi responsável por cerca de 22% das exportações brasileiras de couro aos EUA em 2024, que somaram cerca de US$ 180 milhões.

"Os curtumes gaúchos são, em grande parte, de médio porte. Exportam volumes menores, mas com alto valor agregado, o que torna qualquer elevação tarifária um golpe direto na competitividade das empresas locais", explica.

Bello destaca que o couro brasileiro é exportado para os EUA em diferentes estágios industriais – do wet blue ao couro acabado – e abastece indústrias automotiva, moveleira e de artigos de luxo.

RONALDO SCHEMIDT/AFP/JC

EUA ocupam o 2º lugar entre os destinos da carne bovina do Brasil

"É um mercado cativo, difícil de substituir por outros destinos com a mesma rentabilidade", ressalta.

O representante da Farsul acredita que o momento atual pode servir para fortalecer a diversificação dos parceiros comerciais do agronegócio gaúcho, tornando-o mais resiliente a choques externos.

"Embora o Rio Grande do Sul já tenha uma pauta exportadora relativamente pulverizada, essa é uma oportunidade para explorar novos mercados e consolidar sua presença internacional", avalia.

Entidades do setor cobram solução diplomática para evitar prejuízos

A reação do agronegócio brasileiro à imposição de tarifas adicionais pelos Estados Unidos veio por meio de manifestações institucionais de algumas das principais entidades do setor. Em notas públicas, a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec) e a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) convergem em um ponto: a urgência de uma resposta diplomática eficiente para preservar mercados estratégicos.

A ABPA alertou para os riscos que a medida traz a cadeias como as de carne suína e ovos. A Abiec, que representa o setor de carne bovina, classificou as tarifas como "injustificadas e injustas", Já a CNA manifestou "preocupação com os efeitos das medidas protecionistas impostas por um parceiro comercial relevante".

Segmento do tabaco monitora com cautela tensão comercial

Cássio Fonseca
cassiof@jcrs.com.br

No Rio Grande do Sul, o setor tabagista acompanha com cautela o conflito comercial entre Brasil e Estados Unidos após o anúncio da tarifa imposta pelo presidente Donald Trump, nesta quarta-feira. O presidente do Sindicato da Indústria do Tabaco (Sinditabaco), Valmor Thesing, classifica a situação como complexa, mas acredita, na pior das hipóteses, em uma realocação do volume para outros mercados, caso a medida entre em vigor no dia 1º de agosto.

De acordo com o Departamento de Economia e Estatística (DEE), com dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), o fumo não manufaturado é o produto mais exportado pelo Estado aos EUA. Em 2024, foram cerca de US$ 235 milhões arrecadados com os embarques.

Thesing afirma que o setor espera ainda que o tarifaço não se concretize "Acredito que haverá uma negociação, e oxalá que até final de julho eles tenham encontrado uma alternativa. Porque não é só ruim para o Brasil, é ruim para os Estados Unidos também", diz Thesing, que prevê uma inflação exacerbada nos produtos brasileiros em solo americano.

Cerca da metade do total de fumo não manufaturado destinado aos EUA neste ano já foi embarcado, segundo o sindicato. As entregas são graduais e os meses com pico de exportação são abril, maio, setembro e outubro.